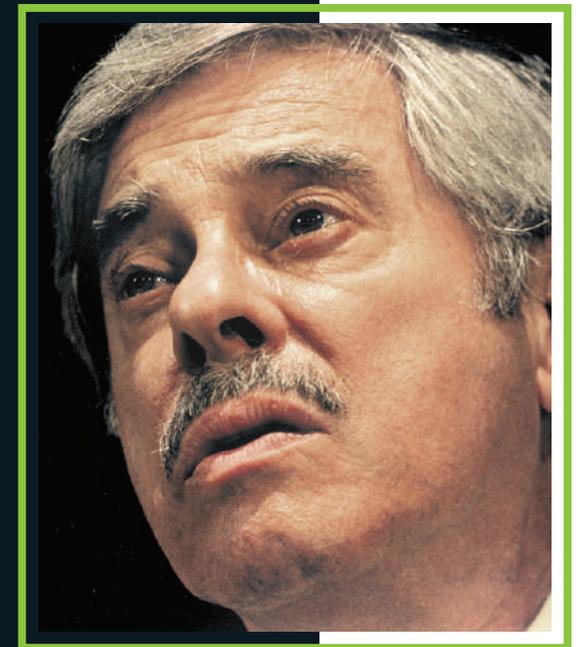


Armando Cortez

1928 – 2002

ACTOR



# Armando Cortez

ACTOR

1928 – 2002

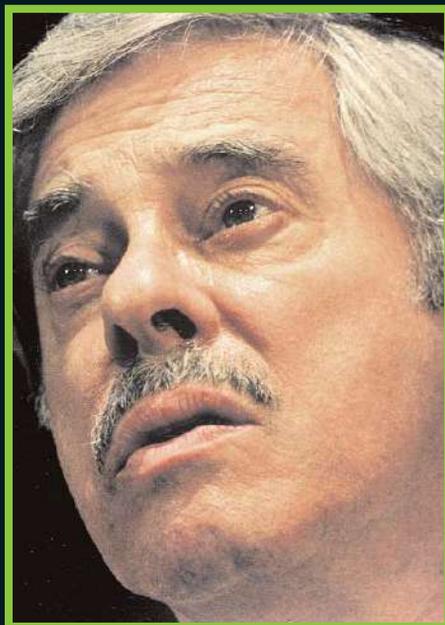
Armando Cortez, famoso actor de teatro e televisão, tornou-se uma figura de referência do mundo do espectáculo.

Enriqueceu o nosso quotidiano com uma distinta interpretação dos mais variados géneros e viveu a vida da representação com intenso empenho durante os 50 anos da sua carreira. Tornou valiosa a colaboração prestada para o enaltecimento de cada obra. Pelo profissionalismo e dedicação investidos, foi sem dúvida uma figura marcante que nos convencia pela soberba qualidade do seu trabalho.

A Vereadora



Ana Sofia Bettencourt



No dia 23 de Janeiro de 1928, nasceu em Lisboa, Armando Cortez e Almeida. Era filho de Luís Carlos da Cunha e Almeida, Oficial da Marinha e de Heloísa dos Santos Cortez. Cresceu, assim, no seio de uma família tradicional ligada às armas que soube aceitar, com reservas, as suas opções académicas e profissionais.



Na sua longa carreira de cerca de 50 anos, Armando Cortez foi um actor que chorava e fazia chorar, que ria e fazia rir. Como grande parte dos actores da sua geração, passou pela Rádio, Teatro, Televisão e Cinema, tendo representado em mais de 150 peças de teatro,



experimentando todos os géneros, desde a comédia, drama, farsa à revista. Destas 150 peças, 40 foram gravadas e transmitidas pela R.T.P., encenou outras 50 e foi responsável pela tradução, adaptação ou co-autoria de perto de 30 textos dramáticos. Na televisão participou em 20 séries e em mais de 10 telenovelas. No cinema contracenou em 20 filmes, sendo 11 portugueses.

Estudou na École Française de Lisbonne e no Liceu Pedro Nunes. Ainda não tinha completado o liceu quando começou a fazer teatro radiofónico.

Fez o Curso de Teatro do Conservatório Nacional que concluiu em 1949 com a classificação final de 18 valores.

Iniciou a sua actividade teatral em 1946, com *As Coéforas*, de Molière, no Teatro Universitário, Participou em outras peças como actor, mas a sua primeira encenação data de 1948, com a peça *Degredados*, de Virgínia Vitorino.



École Française de Lisbonne—1936/1937

Em 1949, estreou-se como profissional, no Teatro Apolo, em *Um Chapéu de Palha* de Itália, de Eugène Labiche.

Da sua passagem pelo Conservatório, alguns actores



Joana D'Arc  
Teatro Avenida-1955

de bastante destaque como Alves da Cunha, Maria Matos e Samwell Diniz constituíram as influências mais marcantes na sua formação. Um outro grande actor Francisco Ribeiro, mais conhecido por Ribeirinho, foi considerado como o seu Mestre no desenvolvimento da sua aprendizagem e do seu conhecimento da prática da actividade teatral.

Ingressou na companhia Teatro do Povo, em 1950. Com esta companhia percorreu vilas e aldeias de todo o país, ao lado de nomes do Teatro bastante conhecidos como Vasco Santana, Maria Matos, António Silva, Ribeirinho e Nascimento Fernandes. Foi director desta companhia, que, sob a égide do antigo SNI<sup>(1)</sup>, promoveu uma acção verdadeiramente descentralizadora, levando à cena inúmeros autores clássicos, nacionais e estrangeiros. Assim, várias peças de autores como Shakespeare, Molière, Gil Vicente, António Ferreira, entre muitos outros, foram apresentadas a um numeroso público que, ao ar livre, assistia com verdadeiro entusiasmo a estes espectáculos que eram praticamente gratuitos.

Em 1951, Armando Cortez fundou, com outros jovens actores, a companhia *Os Seis Novos*.



Boa Noite, Betinal, Teatro Monumental-1960 (com Paulo Renato, Laura Alves, Ruy de Carvalho, Rogério Paulo e Baptista Fernandes)



À Espera de Godot, Teatro Nacional Popular, 1959 (com Francisco Ribeiro, Fernando Gusmão e Costa Ferreira)

No ano seguinte, organizou e dirigiu, com outra actriz Maria Lalande, uma companhia de comédia no Teatro Maria Vitória.

Data desta altura o começo de uma valiosa e estreita colaboração com Vasco Morgado, empresário teatral, que continuou pela sua vida fora. Com ele desenvolveu os mais diversos trabalhos como actor, encenador, tradutor e adaptador, e abrangendo todos os géneros teatrais (onde se incluíam o infantil e a revista).

Trabalhou no Teatro Monumental, bem como, em todos os outros do mesmo empresário, deslocando-se muitas vezes ao Porto e à província. Contam-se, entre outras realizações, *A Menina Feia*, de Manuel Frederico Pressler, *Joana d'Arc*, de Jean Anouilh, *A Rainha do Ferro Velho*, de Garson Kanin e Ruth Gordon, *Boa Noite, Betinal!*, de Pietro Garinei e Sandro Giovannini, e *A Pedra no Sapato*, de Georges Feydeau.

Em 1958, foi-lhe concedida a carteira profissional de Encenador.

No ano seguinte, no Teatro da Trindade, na primeira vez em que se representou a peça *À Espera de Godot* do autor Samwell Beckett em Portugal, Armando Cortez interpretou "Lucky", tendo, este momento, sido considerado como um dos mais altos da sua carreira.

João Lourenço refere a propósito desta peça o seguinte: "Dos 5 actores dessa peça (Tu, o Ribeirinho, o Gusmão, o Costa Ferreira e eu) só resto eu para ainda contar o que foi esse espectáculo que ficou na história do teatro português. Ainda guardo aquela imagem memorável do último espectáculo, apresentado no Teatro S. João no Porto: no fim do teu monólogo do Lucky, os espectadores interromperam o espectáculo com aplausos, atiraram rosas, encheram literalmente o palco de rosas, e não era nenhum milagre, eram espectadores que te atiravam aos pés dezenas de rosas da plateia e dos camarotes. Para mim, aquilo era extraordinário, era o teatro, o teatro em comunicação directa com o público que homenageava, no meio do espectáculo, uma interpretação soberba."<sup>(2)</sup>

Entre 1960 e 1962, foi bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian e deste modo, frequentou diversos estúdios em França, nos Teatros Nacionais de Paris, na Escola Superior de Teatro de Strasbourg e na Universidade do Teatro das Nações.

Quando regressou, fundou com Carmen Dolores, Costa Ferreira, Fernando Gusmão e outros, a companhia do Teatro Moderno de Lisboa. Este novo projecto cultural que embora ambicioso foi uma das suas conquistas agitou os meios intelectuais da cidade. Esta companhia era verdadeiramente progressista não só pela forma que revestia (sociedade artística onde todos os actores têm uma palavra a dizer em Assembleia Geral e onde os possíveis lucros são divididos por todos em diferentes escalões), mas também pelo local e horário de apresentação (Cinema Império, às 18h30 de 2<sup>a</sup>, 3<sup>a</sup>, 5<sup>a</sup> e 6<sup>a</sup> feiras e na 2<sup>a</sup> época também aos domingos, às 11h00 da manhã). A estreia teve lugar no Cinema Império com a peça *O Tinteiro*, de Carlos Muñiz. A interpretação de Armando Cortez foi mais uma vez elogiada e aplaudida quer por parte dos colegas, quer da crítica, quer do público. Esta peça esteve esgotada durante meses. Participou também na peça *Humilhados e Ofendidos*, de Fiador Dostoievsky. O êxito da companhia também se deveu às encenações de

Armando Cortez entre muitos outros e ao elenco: Carmen Dolores, Fernanda Alves, Maria Cristina, Maria Shultse, Angela Ribeiro, Clara Joana, Rogério Paulo, Fernando Gusmão, Armando Cortez, Costa Ferreira, Ruy de Carvalho, Tomás de Macedo, António Sarmiento, Jaime Santos, Nicolau Breyner, Rui Mendes, Armando Caldas, Carlos Cabral e Morais e Castro.

Ainda com esta companhia, participou, com bastante êxito, em alguns festivais internacionais de teatro, nomeadamente em Paris, com a peça *O Tinteiro* que levou ao Festival do Teatro das Nações.

Armando Cortez trabalhou em muitas outras companhias, tendo integrado os elencos e dirigido inúmeras peças. Passou pelo Teatro Avenida,



*O Tinteiro*, Teatro Moderno de Lisboa—1960 (com Fernando Gusmão e Carmen Dolores)

<sup>(2)</sup> João Lourenço, In Armando Cortez 1928-2002, pág.50



*O Tinteiro*, Teatro Moderno de Lisboa–1960

São Luiz. Foi convidado para a Direcção desse mesmo teatro em 1976, função que, por razões várias, não chegou a exercer com eficácia.

No ano seguinte, Armando Cortez ingressou numa companhia que a RTP tinha em funcionamento no Teatro Maria Matos. Participou em vários espectáculos, nomeadamente *Português*, *Escritor*, *45 Anos de Idade*, de Bernardo Santareno, e *Schweyk, na 2ª Guerra Mundial*, de Bertolt Brecht.

Em 1976, fundou e dirigiu a Cooperativa de Teatro Repertório, da qual foi incansável impulsionador até 1983, levando à cena inesquecíveis realizações, como *O Director da Ópera*, de Jean Anouilh, *O Encoberto*, de Natália Correia, *O Crime do Padre Amaro*, de Eça de Queiroz, *Filomena Marturano*, de Eduardo de Filippo, e *A Tragédia da Rua das Flores*,

*Variedades*, *Cinema Império*, *Teatro Villaret*, entre muitos outros.

A sua colaboração e amizade com o actor Raul Solnado deixou testemunhos memoráveis, como *O Impostor Geral*, de Nikolai Gogol (adaptação), de 1965, *Quando é que Tu Casas com a Minha Mulher*, de Jean Bernard Luc e Jean Pierre Conty, de 1966, e *Assassinos Associados*, de Robert Thomas, de 1967, entre muitos outros.

Em 1973 passou a dirigir com sucesso a companhia do Teatro

de Eça de Queiroz. No que respeita à peça *O Director da Ópera*, Armando Cortez diz mesmo que esta foi a peça que mais gostou de fazer.

Convidado, em 1979, para integrar a Direcção do Teatro Nacional D. Maria II, foi obrigado a não aceitar por virtude de outros compromissos profissionais, continuando, assim, o seu trabalho no Teatro Maria Matos.

Mas os convites para integrar as direcções de teatros não terminam e no ano seguinte, foi novamente convidado para a Direcção do Teatro São Luiz, actualmente Teatro Municipal. No entanto, não chegou a assumir o cargo, embora trabalhasse na assessoria a vários e sucessivos vereadores da cultura.



*O Impostor Geral*, Teatro Villaret–1965 (com Raul Solnado)



*Quando é que tu casas com a minha mulher?*, Teatro Villaret–1966 (com Maria Laurent, Raul Solnado e Isabel de Castro)

A sua actividade profissional levava-o muitas vezes a realizar várias digressões pelo país, incluindo a Madeira e as nove ilhas dos Açores, Angola, Moçambique, Guiné e África do Sul, integrado em diversas companhias.

Desde muito cedo se sentiu atraído pela televisão e continuou até ao fim ligado a ela.

*"Devemos enaltecer o seu profissionalismo, o contributo que prestou à Televisão, (...) A figura humana por todos admirada, era fora de cena uma pessoa encantadora dotada de fino humor que contribuía, pela sua forma de estar, para que o*

*ambiente das gravações fosse pautado por uma alegria de viver, uma dedicação ao trabalho, e um apoio aos actores mais novos que consigo davam os primeiros passos, criando assim uma atmosfera de entre-ajuda que lhe granjeou o respeito e amizade dos seus pares e dos actores das novas gerações."*<sup>(3)</sup>

A RTP transmitia todas as semanas, desde meados dos anos 50, uma peça de teatro no "Teatro em Directo", onde Armando Cortez tinha já uma larga participação.

Algumas das peças onde participou na televisão foram: em 1957, *A Sapateira Prodigiosa*, de García Lorca; em 1958, *Céu da Minha Rua*, de Romeu Correia e *O Doente Imaginário*, de Molière; em 1961, *O Inspector Geral*, de Nikolai Gogol; em 1972, *A Importância de Ser Leal* de Oscar Wilde; em 1973, *Doze Homens em Conflito*, de Reginald Rose; em 1976, *Hedda Gabler*, de Henrik Ibsen; em 1978, *O Amigo de Peniche* de Ernesto Rodrigues, Félix Bermudes e João Bastos e o *Conde Barão* de Ernesto Rodrigues e Félix Bermudes, entre outras.

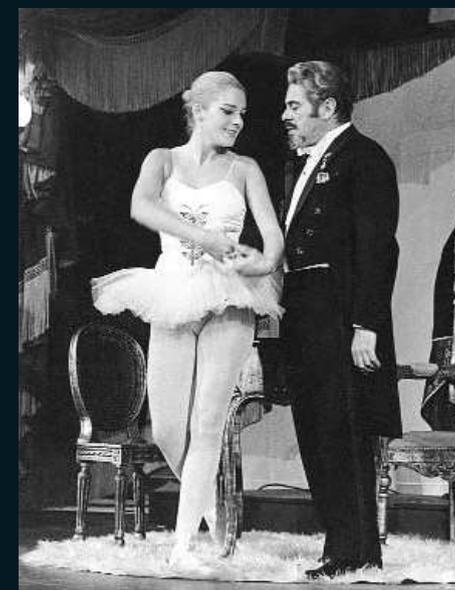
No final da década de 60, co-produziu com Francisco Nicholson e Eugénio Pepe o programa "Riso e Ritmo", que foi um êxito junto do público e onde predominavam textos e música de origem portuguesa.

António Casimiro refere-se a este programa: "A cena era uma gigante e complexa cozinha onde se iam desenrolando diversas rábulas a um ritmo alucinante, pois a gravação tinha de acabar impreterivelmente às 13:00h - Não havia horas extraordinárias para ninguém - Aí o Nicholson perguntava ao Armando "Já é uma hora?" ao que este respondia "Que grande banquete" ... Referindo-se à enorme confusão que reinava no estúdio."<sup>(4)</sup>

De destacar foi também a sua ligação com a produtora discográfica RR, procurando promover e divulgar os



*Schweyk, na 2.ª Guerra Mundial*, Teatro Maria Matos–1975 (com Carlos Santos, Lourdes Norberto, Raul Solnado e Vítor de Sousa)



*O Director da Ópera*, Teatro Maria Matos–1976 (com Telma João)

<sup>(3)</sup> Grupo NBP In *Armando Cortez 1928-2002*, pág. 9

<sup>(4)</sup> António Casimiro In *Armando Cortez 1928-2002*, pág. 19



*Hedda Gabler*, RTP Porto–1976 (com Adelaide João, Madalena Braga, Benjamim Falcão, Vítor de Sousa, Lurdes Norberto e Arminda Taveira)

12

artistas portuguesas, que ocuparam sempre um lugar importante no conjunto dos títulos lançados por esta editora.

A partir de 1984, a par da actividade teatral, a presença de Armando Cortez na televisão tornou-se mais constante, integrando inúmeras séries humorísticas e telenovelas, que lhe deram uma importante projecção junto do público português, que assim pôde apreciar o seu talento.

Entre as séries humorísticas destaca-se *Lá em Casa Tudo Bem*, de Raul Solnado, Mário Zambujal e Artur Couto e Santos.

A primeira telenovela portuguesa em que participou foi *Chuva na Areia*, de Luís de Sttau Monteiro, gravada em Tróia, em 1985.

Participou ainda *Na Paz dos Anjos*, de José Fanha, que conta a história dos sonhos de Ribeira dos Anjos, uma pequena vila que, acordando de uma letargia de anos, projecta-se num futuro maravilhoso enquanto se vai tentando entender com os fantasmas do passado subitamente trazidos à tona pela chegada inesperada de um homem há muito dali partido: Sebastião Ribeiro.

*Cinzas* de autoria de Francisco Nicholson foi outra das telenovelas em que participou, em 1992.

De autoria de Tozé Martinho, Sarah Trigoso e Cristina Aguiar, Armando Cortez participou também, em 1996, em *Vidas de Sal*, cuja acção decorre entre Lisboa e uma pequena vila piscatória, a Praia da Fé, de onde é natural Eugénia Reis, a personagem central desta história. *Vidas de Sal* conta as vidas paralelas dos seus personagens, os seus encontros e desencontros ao longo dos anos, num enredo que envolve viagens, ambição, tráfico de droga, laços de família, amizade, e como é óbvio, o amor e ódio.

Porém, a telenovela que Armando Cortez diz que mais gostou de fazer foi *Filhos do Vento*, de Francisco Moita Flores, onde interpretou o papel de Dr. Quitério. Esta telenovela narra a história de duas famílias ribatejanas na luta pela posse da terra e pelo exercício do poder numa terra chamada Alcaldes. As famílias são Vieira e Abrantes que se confrontam em duas gerações, em 1970 e, mais tarde, em 1995. A novela capta de alguma forma, os preconceitos e trata-se de uma reflexão sobre os grandes problemas do nosso quotidiano, nomeadamente a eutanásia, a doação de órgãos, a natureza das relações da Justiça com a Comunicação Social, a violência na família, a problemática das mães solteiras, as crianças abandonadas e as possibilidades da adopção. Os protagonistas principais são o Tejo, a lezíria, os homens e o canto ribatejano.

Entrou ainda no ano 2000 na telenovela *Ajuste de Contas*, de Francisco Nicholson. Ainda no mesmo ano, Armando Cortez interpretou o papel de pai de Alves dos Reis na série com o mesmo nome, de Francisco Moita Flores.

A sua interpretação no *Processo dos Távoras* como criado da rainha, em 2001, foi a sua última participação em televisão.

Com menos frequência mas com a mesma dedicação que no teatro, participou também no cinema. Dos filmes



*Riso e Ritmo*, RTP–1969 (com Francisco Nicholson, Luís Andrade e José Mensurado)

13



*Riso e Ritmo*, RTP–1969 (com Francisco Nicholson)

onde entrou recordam-se: em 1954, *O Cerro dos Enforcados* de Fernando Garcia; em 1956, *O Dinheiro dos Pobres* de Artur Semedo; em 1968, *O Cerco* de António da Cunha Telles; em 1980, *O Diabo desceu à Vila* de Teixeira da Fonseca; em 1982, *Sem Sombra de Pecado*, de José Fonseca e Costa; em 1986, *O Desejado* ou *As Montanhas da Lua*, de Paulo Rocha; em 1990, *Encontro em Lisboa* de Claude Boissol; em 1991, *Vertigem* de Leandro Ferreira; em 1992, *Passagem por Lisboa*, de Eduardo Geada e *Das Tripas Coração* de Joaquim Pinto; em 1994, *Ar, Água e Luz* de Fernando Garcia.

No que respeita ao filme *Sem Sombra de Pecado*, o realizador José Fonseca e Costa refere o seguinte:

"Cruzava-me às vezes com o Armando Cortez e habituara-me a admirar o seu prodigioso sentido de humor e uma elegância no trato com os outros de que só são capazes os seres de excepção, portadores de uma sabedoria e de uma cultura antigas, que nunca exibem mas também, nunca desperdiçam..."

Tive a certeza disso quando resolvi adaptar ao cinema um dos mais belos contos de David Mourão Ferreira, uma história lisboeta, secreta, nocturna, povoada por uma legião de fantasmas do poeta e precisei de escolher um actor para dar vida, carne e alma, à personagem que justifica

a estória, o Tenente Sanches de "E aos Costumes Disse Nada", um militar tarimbeiro, ser de apagada e vil tristeza, torpe, frio, capaz de manter sob sequestro, trancadas em casa a sete chaves, a mulher e a filha, um fiel seguidor da ordem estabelecida, capaz de



*Cinzas*, Telenovela–1992 (com Mariana Rey Monteiro)

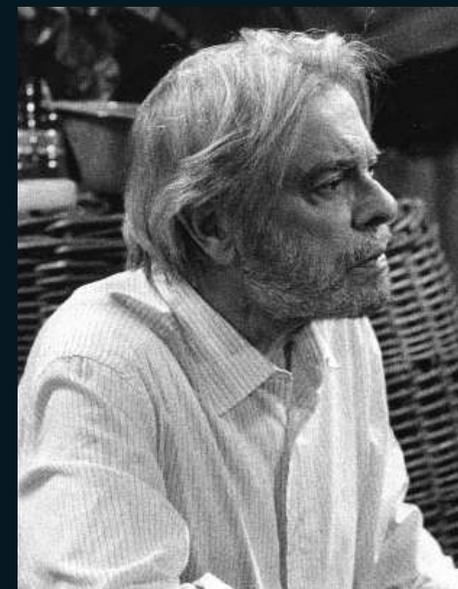
jurar por Deus, pela pátria e pela família e de matar a frio, se fosse caso disso, qualquer intruso na sua provinciana, embora feroz rotina familiar. (...)

Corria o ano de 1982, o filme ficou a chamar-se *Sem Sombra de Pecado* e o Armando Cortez foi um Tenente Sanches inesquecível, não sei de actor capaz de "Viver tão bem na tela tudo aquilo que jamais seria capaz de representar, sequer na vida". Do filme ficará, para sempre, também a sua imagem. Para mim ficou a lembrança de um actor íntegro, seriam desta cepa aqueles que ajudaram a fazer a perenidade de Shakespeare."<sup>(5)</sup>

Para além de actor, encenador, tradutor e autor, Armando Cortez destacou-se também como mestre de várias gerações de jovens actores, que dirigiu e que sempre acarinhou.

Foi ainda Deputado Municipal na Assembleia Municipal de Lisboa, nos mandatos 1980-1982 e 1983-1985.

Quando corria o ano de 1982 o actor juntamente com a actriz Manuela Maria, com quem foi casado perto de 40 anos e outros colegas de profissão envolveu-se activamente numa iniciativa de reconhecido mérito social e cultural: a Apoiarte – Casa do Artista. Este projecto resultado da sua tenacidade



*Vidas de Sal*, Telenovela–1996

<sup>(5)</sup> José Fonseca e Costa  
In *Armando Cortez 1928-2002*, pág. 54-55



*Filhos do Vento, Telenovela–1997 (com Márcia Breia)*

e da pertinente teimosia de solidariedade humana, foi finalmente inaugurado a 11 de Setembro de 1999.

Armando Cortez numa entrevista referiu que os principais objectivos da Casa do Artista "É justamente ser a casa do artista. É que os artistas que se reformem, que acabam as suas carreiras ou por doença ou por idade possam vir para aqui e estarem aqui como se estivessem em casa. É uma casa que tem regras, porque alberga muita gente, tem que ter regras de funcionamento. Mas que tem liberdade, aqueles que a saúde lhes permite, podem sair, podem votar, passear... Os que querem vão a espectáculos que estão em cena no teatro. Também já têm ido ao cinema, ao Casino Estoril. No outro dia foram às Docas. Alguns não conheciam as Docas, quiseram ir aprender a dançar a Salsa, e foram aprender a dançar a Salsa. E a média de idades desta gente que aqui está é de 80 anos! Esta casa tem três vertentes: repouso, actividade e aprendizagem."

O lema da Casa do Artista é "Aqui não é permitido envelhecer" E porque, assim é, o tempo aqui não conta mas a memória essa perdura, vivida por todos quantos aqui agora moram.

Foi condecorado com a Medalha de Mérito Municipal - Grau Ouro (por actos e serviços praticados de particular relevo no âmbito do Município e do País), em 7 de Junho de 1997, pela Câmara Municipal de Oeiras, e com o título de Grande Oficial da Ordem do Infante D. Henrique, em 11 de Outubro de 2000, pelo Presidente da República, Jorge Sampaio.

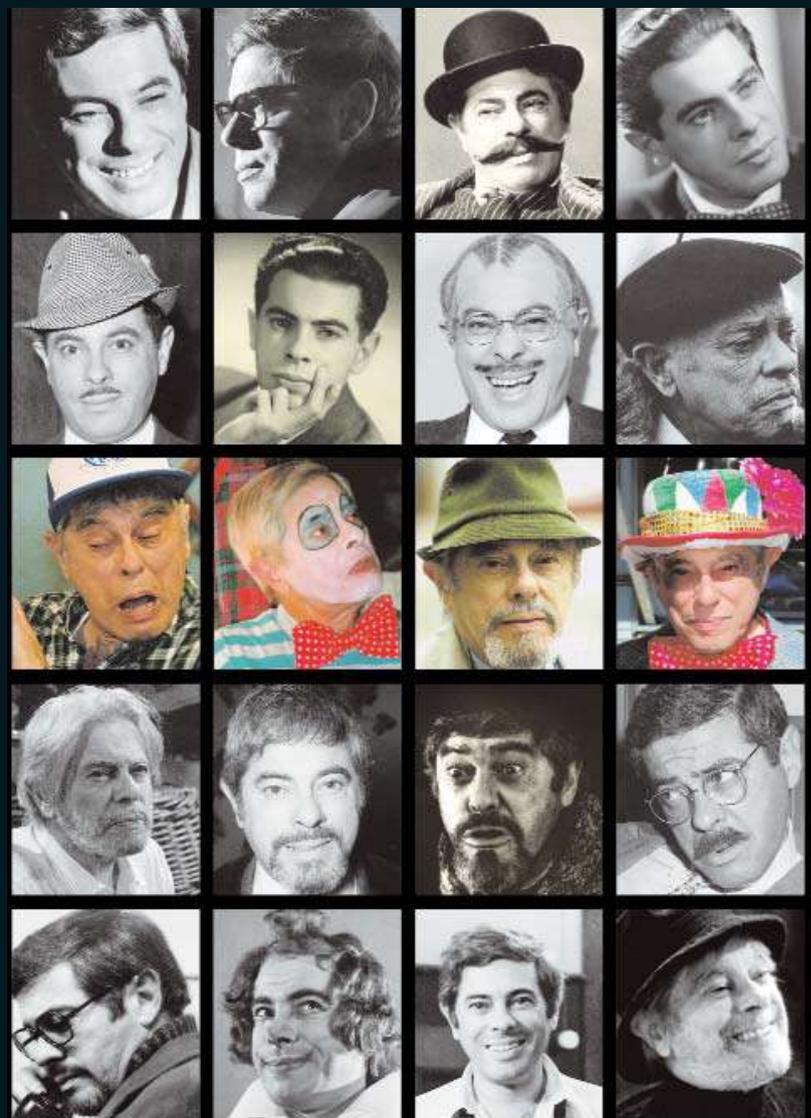
Recebeu ainda, inserido nos prémios da Nova Gente, em 1979, o de Melhor Actor de Teatro e, em 1987, o de Melhor Actor de Televisão. Em 1995, foi-lhe concedido o subsídio de Mérito Cultural, pelo Secretário de Estado da Cultura.

Com 74 anos de idade, no dia 11 de Abril de 2002, Armando Cortez faleceu. Com a sua morte o teatro português ficou um pouco mais pobre.

O seu nome está bem gravado na história do teatro português e acima de tudo no coração de todos os que o conheceram e conviveram com ele.

Levou a vida com bastante humor e com uma grande noção de realidade. Teve uma vida cheia, possuía um talento raro que nunca desperdiçou. Foi um actor que emocionava e que fazia rir até às lágrimas.

A Câmara Municipal de Lisboa, atribuiu o seu nome a uma rua em frente ao novo Teatro Aberto, na Freguesia de Campolide. O nome do actor que acreditava nos sonhos e que dizia que "não é sonho mas utopia, todo o sonho que se não transforme em realidade" fica assim, imortalizado na toponímia da cidade.



Rua Armando Cortez



## **Bibliografia**

*Armando Cortez, 1928-2002*, Lisboa: CML, 2003

Morais e Castro, *O Militante* n.º 241–Julho/Agosto–1999

<http://revistacomum.no.sapo.pt/impressoesdigitaiscortez.htm>

[http://www.nbp.pt/clube\\_actores.php?idact=144](http://www.nbp.pt/clube_actores.php?idact=144)

<http://ptvip.com/notaveis/armandocortez/>

Biografia e fotografias cedidas por Manuela Maria

## **FICHA TÉCNICA**

### **EDIÇÃO**

Câmara Municipal de Lisboa

Comissão Municipal de Toponímia

### **TÍTULO**

José Farinha

### **TEXTOS**

Teresa Sancha Pereira

### **COORDENAÇÃO**

António Trindade

### **DESIGN GRÁFICO**

Paula Albuquerque

### **PLANTA DE LOCALIZAÇÃO**

Fernando Gomes

### **TIRAGEM**

2000 ex.

### **ANO**

2004

### **DEPÓSITO LEGAL**

N.º 210005/04

### **EXECUÇÃO GRÁFICA**

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

IMPRENSA MUNICIPAL